

CLASSE C

Retração e alta de preço inibem novas compras

O comportamento da economia e a inflação estão inibindo o consumo de bens duráveis pela baixa classe C, que passou a pesquisar mais preços dos alimentos. **P4e5**

Um sonho

Nova classe C, principal responsável pela recente alta do consumo, sente o peso da economia e tem dificuldade de continuar comprando na proporção de seus desejos

Fernanda Nunes
fernanda.nunes@brasileconomico.com.br

A baixa classe média — segundo classificação da Secretaria de Assuntos Estratégicos (SAE) do governo federal, popularmente batizada como nova classe C — não conseguirá substituir os aparelhos eletrodomésticos e eletroeletrônicos adquiridos em anos anteriores por outros de melhor qualidade. Diante de uma economia enfraquecida, essa fatia da população, com renda familiar média de R\$1.540, distanciou-se em capacidade de consumo dos grupos mais favorecidos, revela o Instituto Data Popular.

Especializado na análise do perfil de consumo das classes C, D e E, o instituto concluiu — em pesquisa qualitativa realizada no primeiro semestre deste ano, na qual questionou os entrevistados sobre as condições de consumo no período presente — que a nova classe média perdeu capacidade de reposição de bens duráveis. Foi interrompido o ciclo de acesso a produtos de qualidade cada vez melhor, o que seria natural em uma situação de normalidade econômica.

“O impacto da desaceleração do crescimento é perceptível na qualidade do consumo. A nova classe C continua comprando, mas já não sonha em ampliar o número de aparelhos televisores em suas casas ou em trocar a geladeira por outra de última linha, como faria, caso a economia mantivesse o ritmo de anos anteriores”, destaca o presidente do Data Popular, Renato Meirelles.

Além de desistir de comprar aparelhos melhores, essa fatia da população também passou a pesquisar mais os preços dos produtos que adquire. Segundo o instituto, cresceu em 44% o número de pessoas que informou recorrer à pesquisa de preços antes de ir às compras, no primeiro semestre deste ano, em comparação com igual período do ano passado.

A intenção é manter as conquistas adquiridas, sem reduzir o universo de produtos e serviços consumidos. Porém, essa fatia da população opta por pagar mais apenas pelo que considera essencial, como a alimentação básica e produtos de limpeza. Os demais itens são selecionados pelo menor preço.

A inflação (que corroi o poder de compra de todos os consumi-



Eduardo Naddar



TRABALHO

Senado muda as regras sobre férias

Trabalhadores com menos de 18 anos e os empregados com mais de 50 anos de idade poderão fracionar as férias, se o projeto de lei aprovado ontem no Senado receber o aval do Planalto. Os senadores da Comissão de Assuntos Sociais (CAS) entenderam que todos os empregados podem optar por dividir o período de férias ou utilizar o período integral, independentemente da idade. **ABr**

Hippert

INFORMALIDADE DA ECONOMIA		
	%	p.p.
2008	18,4	-0,5
2009	17,6	-0,8
2010	17,2	-0,4
2011	16,8	-0,4
2012	16,5	-0,3

Fonte: Instituto Etco e Ibre/FGV

INFLAÇÃO		
	12 MESES (%)	
FGV	IPC-CI (Baixa Renda)	6,52
	IPC-BR (Média dos consumidores)	5,96
IBGE	INPC (Baixa Renda)	6,97
	IPCA (Média dos consumidores)	6,7

Cai a chance de ter a carteira assinada

O mercado de trabalho formal, de carteira assinada, já não insere a população de mais baixa renda, inclusive a nova classe C, como antes, revela pesquisa organizada pelo Instituto de Ética Concorrencial (Etco). O indicador de economia subterrânea de 2012, divulgado neste mês, demonstra que a informalidade atingiu 16,5% da economia em 2012. No ano anterior, eram 16,8%. A retração foi de 0,3 ponto percentual, abaixo da média histórica, de 0,5 ponto percentual.

“Com a economia crescendo menos, fica mais difícil formalizar o mercado de trabalho. Menos pessoas estão sendo incorporadas pela economia. Não entramos no campo negativo, a informalidade continua caindo, mas não no mesmo ritmo de antes”, afirma Fer-

nando de Holanda Barbosa Filho, economista do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV), responsável pela pesquisa.

Ele ressalta que os diferentes setores produtivos – indústria, serviços e agropecuária – estão inserindo menos trabalhadores na formalidade. Mas o fenômeno é mais significativo nos serviços, o que mais contrata mão de obra e também o que mais tem possibilidade de empregar sem assinar carteira de trabalho.

Além do crescimento menos intenso da economia, contribui para a informalidade o modelo regulatório do mercado de trabalho brasileiro, diz ele. “É difícil mensurar o peso da economia e dos limites institucionais nesse processo”, alerta o economista.

dores), o aumento da dificuldade de ter acesso a crédito, o aumento do endividamento e o enfraquecimento da renda real, que já não cresce como nos últimos tempos, são apontados pelo Data Popular como os principais fatores a comprometer a capacidade da baixa classe média de continuar aparelhando suas casas com produtos de qualidade cada vez melhor.

Ao fim de 2012, havia uma grande expectativa da classe média como um todo de que este ano seria melhor do que o anterior, segundo o Data Popular. Essa foi a perspectiva de 81% dos entrevistados. Mas, diante de um cenário menos positivo do que o esperado, o percentual de otimistas na mesma faixa de renda deve ter caído, segundo Meirelles. Ele ressalta que, além da conjuntura econômica, outro fator limita a continuidade de aquisição de duráveis pela classe C. Há uma saturação da demanda, já que a reposição de bens não é infinita.

“É claro que a tendência é as pessoas sempre desejarem produtos melhores, o que levaria a uma movimentação permanente do mercado. Só que esse é um segundo ciclo, que já não diz respeito ao acesso de bens básicos, como aconteceu até então. É possível que essa primeira fase, de compra da primeira geladeira, do primeiro fogão, tenha se esgotado”, ressalta Meirelles.

Orçamento é corroído por gastos com comida e moradia

As despesas com alimentos e habitação estão comprometendo a renda da nova classe C. Para esse grupo de pessoas, a inflação em 12 meses até julho deteriorou mais o poder de compra do que o da média dos brasileiros.

O Índice de Preços ao Consumidor - Classe 1 (IPC-C1) – que mede a variação dos preços de produtos consumidos pelas famílias com renda mensal de até dois salários mínimos e meio – subiu 6,34%, no período, enquanto para a média da população, a alta foi de 6,22%, segundo o Índice de Preços ao Consumidor-Brasil

(IPC-Br). Os dois indicadores são calculados pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV).

Isso ocorre porque os alimentos, item que mais pressionou a inflação nos últimos 12 meses, pesam mais no orçamento dessas famílias do que no das demais. Já os gastos com habitação estão subindo por causa do aumento do custo da mão de obra utilizada nos condomínios residenciais, como porteiros e faxineiros. Os salários desses profissionais têm crescido acima da média da inflação, informou o economista do Ibre/FGV André Braz.

mais distante